



Ocorrências de discurso reportado: relações entre produto e processo em contos etiológicos inventados por uma díade recém-alfabetizada^{1,2}

Reported speech occurrences: relations between product and process in etiological tales invented by a newly literate dyad

Lidiane Lira

Universidade de Pernambuco (UPE), Garanhuns, Pernambuco / Brasil

lidiane.lira@upe.br

Eduardo Calil

Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Maceió, Alagoas / Brasil

calil@cedu.ufal.br

Resumo: Nesse estudo discutiremos a gênese textual (Genética de Textos) de discursos reportados (DR) identificados em processos de escritura e seus respectivos manuscritos escolares, produzidos por uma dupla de alunas do 2º ano do Ensino Fundamental. A partir do protocolo de coleta de dados proposto pelo Sistema Ramos, foram filmados 10 processos de produção de contos etiológicos inventados por essas alunas. As alunas deveriam combinar um conto etiológico inventado e, posteriormente, a dupla escreveria o conto em uma folha de papel. Na primeira parte deste estudo, descreveremos as ocorrências de DR relacionando produto e processo de escritura. Na segunda parte, analisaremos o processo de construção do DR a partir do processo de escritura do conto inventado. Mostraremos que a baixa ocorrência de DR no enunciado escrito em relação ao DR proferido oralmente dá-se em razão do processo genético de construção

¹ Os dados utilizados neste artigo fazem parte de uma pesquisa de Doutorado, cuja entrada no Comitê de Ética da Universidade Federal de Alagoas se deu sob nº 12181113.5.0000.5013 e foi aprovado em 05/02/2013.

² Estudo financiado pelo CNPq, através de financiamento concedido a Eduardo Calil via Projeto ESCRITURA NA SALA DE AULA: Propostas, Práticas Processos e Produtos (Projeto ESALA, processo 305312/2011-1).

da narrativa inventada a dois. O DR inscrito na folha de papel é o resultado de uma série de formulações/reformulações ativadas através do diálogo entre as alunas. Essa dinâmica parece ter favorecido a dimensão inventiva da narrativa ficcional e, ao mesmo tempo, a própria produção de unidade de sentido da trama narrativa, colocando em relação as vozes das alunas/narradoras e as vozes dos personagens.

Palavras-chave: discurso reportado; escrita colaborativa; genética textual; contos etiológicos.

Abstract: In this study we will discuss the textual genesis (Genetics of Texts) of reported discourses (DR) identified in writing processes and their respective school manuscripts, produced by a pair of 2nd year of elementary school. From the protocol of data collection proposed by the Ramos System, 10 processes of etiological tales invented by these students were filmed. The students should combine an etiological tale invented, and later the pair of students would write the story on a sheet of paper. In the first part of this study, we describe the occurrences of DR relating product and its writing process. In the second part, we will analyze the process of DR construction from the process of writing a etiological tales. We will show that the low occurrence of DR in the written enunciation in relation to DR uttered orally is due to the genetic process of construction of the narrative invented by two students. The DR inscribed on the sheet of paper is the result of a series of formulations/reformulations activated through dialogue between the students. This dynamic seems to have favored the inventive dimension of the fictional narrative and, at the same time, the very production of unity of meaning of the narrative plot, putting in relation the voices of the students / narrators and the voices of the characters.

Keywords: reported speech; collaborative writing; textual genetics; and etiological tales.

Recebido em 11 de março de 2019

Aceito em 23 de maio de 2019

1 Introdução

Considerando que a aprendizagem da escritura implica uma multiplicidade de questões de ordem didático-pedagógicas, relacionadas ao funcionamento da língua e do discurso, e às características cognitivas do aprendiz escrevente, (CALIL, 2016; HALTÉ, 1992), tencionamos destacar a produção escrita de contos etiológicos inventados por escreventes novatos, observando especificamente o uso de um objeto linguístico presente neste gênero, a saber, o discurso reportado.

Partimos da perspectiva teórico-metodológica situada no campo da Genética Textual e buscaremos analisar a dimensão processual da escritura a partir de uma abordagem enunciativa. Intentamos relacionar o processo criativo da escrita dos alunos tomando como unidade de análise o modo como uma díade de alunas combina oralmente o que irá escrever durante situações de produção textual efetivadas sob as condições ecológicas da sala de aula.

2 Discurso reportado e escrita colaborativa

É consensual entre os gramáticos a noção de que o discurso reportado (DR) é composta a partir da representação de um discurso em outro discurso e delimitada pelas formas de discurso direto (DD), discurso indireto (DI) e discurso indireto livre (DIL) (BECHARA, 1999; AZEREDO, 2009). Essas limitadas descrições quando evocadas por dicionários técnicos e especializados (DUBOIS, 2006; FLORES; BORGES, 2009) por estudos enunciativo-discursivos (AUTHIER-REVUZ, 1998; ROSIER, 2008; MAINGUENEAU, 2002), bem como pelos estudos da Narratologia (JONASSON, 2003) e da Psicolinguística (GRANGET, 2008) apontam uma riqueza de formas de manifestações associadas a diversos gêneros (entrevistas, mídia televisiva, discurso político, romances), o que por conseguinte, comprova a complexidade e a heterogeneidade de suas formas.

No âmbito escolar, o DR como elemento gramatical é reconhecido pelo caráter normativo de suas instâncias cuja aplicação limita-se à transposição de discursos tais como DD e DI. Contudo, o uso do DR coloca desafios que vão além da transposição dos discursos. O DR não reporta um enunciado, mas um ato de enunciação (AUTHIER-REVUZ, 1993) e isso implica situações específicas de produção, sobretudo, quando apresentado em situação de escritura escolar por escreventes novatos que escrevem seus primeiros textos.

O DR, ao atuar no interior da narrativa, articula aspectos de ordem sintático-textual, interferindo diretamente na construção semântica do texto no que diz respeito ao desenvolvimento do enredo e à problematização da história, bem como a inserção de personagens, elemento essencial à representação do DR. Assim, modalizações no que diz respeito aos espaços enunciativos de aproximação e distanciamento ao citar a fala do outro são fundamentais para a sua constituição.

Os estudos sobre a representação do DR por escreventes novatos atentam-se ao produto textual (BORÉ, 2010; DESCHILDT, 2003), às produções escritas a partir de textos já conhecidos (ou seja, os alunos reescrevem ou continuam um texto dado com personagens pré-definidos ou inventam narrativa ficcional a partir de ilustrações) (FERREIRO *et al.*, 1996; BORÉ, 2010) e pouco contribuem para compreender quais fatores podem interferir na construção do personagem, bem como a representação de suas falas, na história.

Além de não se aterem à dimensão escritural correspondente ao texto em construção, no geral, esses estudos tendem a focalizar uma abordagem modular de uso e emprego do DR para representação da escrita, seja a partir da invenção de um texto sob um determinado ponto de vista (FERREIRO; SIRO, 2010), ou ainda por meio da continuidade de uma história já iniciada (BORÉ, 2010). Apesar de abordagens teórico-metodológicas distintas, tais estudos evidenciam problemas de focalização enunciativa entre o “discurso do narrador” e o “discurso do personagem” (BORÉ, 2006; CALIL; DEL RÉ, 2009).

Segundo Genette (1972), no modo narrativo (diègèsis), o narrador é o sujeito da enunciação, no plano dramático e expressivo (mimèsis) o sujeito da enunciação é/são o(s) personagem(ns). Para melhor compreensão, tomemos os contos etiológicos, gênero ao qual os alunos de nossa coleta foram submetidos. Em termos de estrutura e composição temática, os contos etiológicos possuem enredos curtos e remetem à origem e ao porquê das coisas, da fauna e da flora, trazendo explicações fantasiosas e lúdicas de comportamentos dos habitantes da floresta e, assim como dos aspectos do mundo real. No interior da trama narrativa, subjazem não somente enunciados de ação, como também enunciados que correspondem ao discurso reportado. Observemos como o DR ocorre no trecho a seguir:

[...] o camundongo, que estava muito cansado, **perguntou se podia ficar abrigado em sua toca por alguns dias.**

A andorinha tinha enviuvado recentemente **e aceitou de bom grado o pedido.** (ZATZ; ABREU, 2010, p. 23).

Podemos notar que a interação comunicativa entre o camundongo e a andorinha é dada através do enunciado do narrador. Em “o camundongo, que estava muito cansado, perguntou se podia ficar abrigado em sua toca por alguns dias” a fala do personagem é expressa na 3ª pessoa

do singular sob a forma indireta. Isso é facilmente identificado pelo uso do verbo *dicendi* “perguntar” acrescido de seu complemento. Em resposta, o narrador destaca a aceitação da personagem andorinha, sem deixar claro, dramaticamente, em termos de *mimèsis*, como tal enunciado poderia ser representado em sua fala. O que sabemos apenas é que a personagem atendeu ao pedido do camundongo de forma satisfatória.

O enunciado referente à aceitação da Andorinha, compreendido como discurso narrativizado, DN, resumido e interpretado pelo narrador, expressa então o diálogo a uma forma reduzida, a um simples fato enunciativo, ou seja, tratado como acontecimento discursivo integrado à narração. Esse é um exemplo de DN que designa o “sumário diegético” (GENETTE, 1972), ou seja, especifica o seu conteúdo “aceitação”, atribuindo-lhe a descrição “de bom grado”, mas não cria um simulacro mimético do que teria sido enunciado pela personagem. Observemos agora o seguinte DD:

Um dia, o ganso acordou irritado e falou:

– Não aguento mais ficar com o traseiro molhado, preciso me secar.
(ZATZ; ABREU, 2010, p. 23).

Aqui o narrador introduz diretamente a fala do personagem, usando o verbo *dicendi* “falar”, os sinais de pontuação (dois pontos e travessão) e o enunciado do ganso na 1ª pessoa do singular acrescido à desinência verbal – no presente do indicativo – marcando o momento da representação da cena. Há uma alternância entre os “dizeres” representados pelo narrador e o ponto de vista do personagem, este último põe em destaque um “mise en scène”. Ou seja, o narrador cede a palavra aos personagens optando pela forma mais mimética de representação (GENETTE, 1972), na qual o personagem é o sujeito da enunciação.

Como vimos, o DR assinala formas complexas que, a depender da contextualização e do gênero, alargam a sua paleta representativa linguística. É o caso específico da invenção de uma história, cuja consigna permite maior liberdade de criação, ou ainda, a inserção de elementos linguísticos (presença de balão e onomatopeias) (CALIL, 2008; CALIL; DEL RÉ, 2009; BORÉ; CALIL; AMORIM, 2013). Nosso trabalho busca entender o uso do DR em seu estado nascente, evidenciando esse caráter ecológico, sem direcionamentos específicos em relação ao posicionamento enunciativo para o desenvolvimento da história, como por exemplo narrar em 1ª ou 3ª pessoa como o faz Ferreiro *et al.* (1996) e Boré (2010).

Para tanto, utilizamos um sistema metodológico de captura que permite observar a dinâmica colaborativa do processo de escritura (CALIL, 2016, 2017), caracterizada como “escrita colaborativa”, quando alunos em díade combinam e escrevem, juntos, um mesmo manuscrito. A articulação entre o que é inventado pela díade e o uso do DR, objeto linguístico a ser analisado no manuscrito em curso, será o foco da análise que apresentaremos e preserva sua dimensão interativa, multimodal, qualitativa e enunciativa.

A dinâmica colaborativa emerge como abordagem teórico-metodológica para criação de textos à medida que sua realização conjunta promove o planejamento e a linearização da narrativa ficcional. Ou seja, a gênese do DR está associada ao processo coenunciativo de planejar e inventar o que irá compor a história em termos de fala de personagens. Nesse sentido, a situação de escrita colaborativa envolve a interação e a necessidade de expressar o que está sendo pensado para sua formalização. A formulação de unidades linguísticas adequadas à situação interativa ganham relevo ao evidenciar a gênese da história e, conseqüentemente, a construção de um enunciado reportado escrito, correlacionando o que é formulado oralmente à sua inscrição e à sua linearização.

Postulamos que os enunciados que emanam da combinação são permeados por idas e vindas e têm no trabalho coenunciativo a possibilidade de gerir não só os comentários e os argumentos acerca do que será inscrito, como dá materialidade à sua linearização escrita (CALIL, 2016). Ou seja, o processo de produção escrita a quatro mãos é analisado em função do instante em que a escrita se configura e considera todos os elementos multimodais relacionados às práticas de textualização em sala de aula. Analisar o texto em curso permite então reconstruir as etapas sucessivas de elaboração textual, o que resulta em testemunhar a transformação dos “índices visuais do espaço gráfico em propriedades temporais de um acontecimento escritural” (GRÉSILLON, 2008, p. 20).

O foco na dimensão gráfico-espacial a partir da origem constitutiva dos enunciados criados e a formalização dos caracteres, a serem inscritos no texto “em vias de se fazer”, coloca em jogo o diálogo e a reflexão sobre o uso que os alunos fazem da língua escrita. Ou seja, por meio dos desacordos, arguição e contestação, os alunos ao discordarem entre si podem examinar “os seus próprios pensamentos, bem como os dos outros, e, portanto, são mais propensos a esclarecer, aperfeiçoar e expandir

seu pensamento do que quando trabalham sem questões”³ (DAIUTE; DALTON, 1992, p. 6). Cabe ressaltar que o tratamento metodológico de escrita colaborativa, de certo modo, situa a aprendizagem de escrita textual como processo lento e complexo (KELLOGG, 2008), por implicar o conhecimento de um repertório alargado de ações associadas aos componentes de planificação, textualização e de revisão. Nessa direção, o trabalho coenunciativo, em essência, caracteriza-se por combinar e planejar a história, para então, formulá-la textualmente e revisá-la com foco na avaliação e melhora na qualidade do que está sendo produzido (VAN DEN BERG; RIJLAARSDAM, 2007). Todavia, esse movimento não é linear dada a complexidade recursiva da escritura perquirir um controle sobre o texto.

Em análise de ordem linguística, Calil (2016) resalta que os comentários registrados no vídeo da escritura possibilitam o acesso às diferenças subjetivas entre os escreventes, aos conhecimentos linguísticos e textuais próprios de cada um, bem como às relações estabelecidas entre os objetos textuais,⁴ identificados como problemáticos dada a subjetividade de quem os produz.

Compreendemos a produção textual como uma atividade metalinguística, já que ela depreende ações como explicitar, selecionar, modelar, refletir, revisar ou seja manipular a linguagem para atender os significados almejados (CHEN; MYHILL, 2016). Nesse sentido, se considerarmos o DR como uma modalidade da ficção (BORÉ, 2010), transpor a trama narrativa em palavras e dar voz a um personagem implica em descentralizar o ponto de vista de quem escreve, o que necessariamente envolve dar um centro de consciência de que o que diz não refere à sua perspectiva, mas a de um outro, o personagem (BORÉ, 2010).

Nessa conjuntura, é preciso especificar que o uso do DR requer do escrevente regular o funcionamento da história. O centro de consciência do qual fala Boré (2010) se refere à capacidade de construir explicitamente a representação da fala de personagens. Para este trabalho, importa-nos

³ No original: “their own thoughts as well as those of others, and thus are more likely to clarify, refine, and expand their thinking than when they work without question” (DAIUTE; DALTON, 1992, p. 6).

⁴ O objeto textual diz respeito a qualquer elemento gráfico, linguístico ou discursivo diretamente relacionado ao texto em curso e reconhecido pelo escrevente como um elemento passível de ser acrescentado ou alterado (CALIL, 2016).

especificar que tal capacidade de entender e regular situações específicas de uso é demasiada complexa, uma vez que o escrevente deve articular não só aspectos linguísticos, como semântico-discursivos, a depender dos efeitos que se queira causar. Ou seja, isso implica, inevitavelmente, relacionar planos enunciativos.

Em se tratando da narrativa ficcional, ora “os acontecimentos parecem ser contados por si mesmo”⁵ (BENVENISTE, 1966, p. 241) ora procedimentos de distinção sobre a maneira de “dizer as coisas” são colocados em destaque. De um lado, temos a exposição da história (diegêsis), representados, por sua vez, pelo DI e DN e pelo princípio de imitação (mimêsis) que dá lugar à fala do personagem propriamente dita, DD. A história inventada passa por instâncias enunciativas – representadas por narrador e personagens – as quais se relacionam ao tratamento do tempo em que se passa a história. Ainda que os acontecimentos possam por si só ser narrados, eles designam não apenas situações decorridas, ou imaginadas por aquele que cria a história, mas também fatos de consciência dos personagens (sentimentos, crenças, decisões, etc.). Nosso olhar, além de considerar os critérios formais de reconhecimento do DR, considera todo enunciado que reenvia a preexistência de um dizer e faz menção ao conteúdo de DR, bem como denota as marcas suprassegmentais ou gestuais, as quais “dramatizam” um discurso outro.

Advogamos a importância de considerar o efeito de citação configurada pela perspectiva do narrador, aquele que narra e inscreve o discurso outro em seu próprio discurso. Conforme salientado em estudos anteriores, o índice linguístico do DN, ao contrário do DI e DD, não assume uma forma sintática fixa (CALIL; AMORIM, 2017; LIRA; CALIL, 2016, 2017), em essência, ele é um recurso no qual o narrador dispõe para destacar um ato de fala. O ato de fala em si faz alusão ao acontecimento do discurso (MOCHET, 2000) e isso requer uma atenção distinta aos verbos de fala, os quais podem ser atualizados em forma de léxico e não por retomada do verbo “dizer”, configurando-se, então, em forma de anúncio ou de retomada avaliativa.

O sobrevoos que fizemos acerca das formas linguísticas de DR destacadas nos contos etiológicos, gênero referência para a escritura dos alunos da pesquisa em tela, nos parece viável por expor um modo de

⁵ No original: “les événements semblent se raconter eux-mêmes” (BENVENISTE, 1966, p. 241).

regular as instâncias enunciativas designadas neste gênero em específico, apresentando as percepções, as opiniões, isto é, as perspectivas dos personagens. Nosso interesse reside em investigar se os alunos, leitores desse gênero, apresentam essas formas de DR em seus manuscritos, analisando a gênese dessas formas reportadas em situações reais de produção textual dentro da sala de aula. Acreditamos que a análise da gênese dessas formas além de revelar o percurso de escritura destaca a troca enunciativa entre a diáde e isso envolve o desenvolvimento de habilidades como, considerar a perspectiva do interlocutor, ser capaz de expressar a sua própria perspectiva, ter em conta os aspectos linguísticos sintático-semânticos e as convenções sociais acerca do gênero.

3 Metodologia

A pesquisa incide sobre o corpus da escola “Criar e Recriar” e envolveu o desenvolvimento de um projeto didático em uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental, na cidade de Maceió, Brasil. A coleta⁶ de caráter etnográfico resultou no recolhimento de dez processos de escritura de uma diáde de alunos e outra diáde de alunas (6-7 anos),⁷ os quais seguiram procedimentos didáticos precisos: 1º) apresentação da proposta pela professora; 2º) combinação e discussão conjunta da história; 3º) inscrição e linearização,⁸ momento em que os alunos já tendo sua história “definida” pedem o papel e a caneta para escrevê-la; 4º) leitura e revisão: após o término da história, os alunos leem à professora o que produziram.

⁶ A coleta foi desenvolvida a partir de um método de captura multimodal (visual, sonora e escrita), oferecendo ao pesquisador informações simultâneas relacionadas ao processo de escritura no tempo e espaço da sala de aula (CALIL, 2019). Ademais, a coleta possui um conjunto de materiais complementares que contextualizam o cotidiano escolar e os conteúdos de ensino valorizados nas práticas didáticas, quais sejam, a proposta curricular da escola, a entrevista com a professora e a coordenadora, os livros didáticos e paradidáticos adotados, os cadernos dos alunos, as fotos da escola e, da sala de aula, etc.)

⁷ Para este trabalho analisaremos apenas os processos da diáde de alunas, Marília e Sofia.

⁸ Consideramos a inscrição como qualquer marca efetivada no papel, seja ela uma letra, frase, palavra ou mesmo um traçado sem definição. A linearização refere-se a formalização dos tópicos sintáticos e posicionamento de cada elemento gráfico-linguístico em uma sequência particular (acompanhada ou não por comentários) nas linhas do papel (CALIL, 2016).

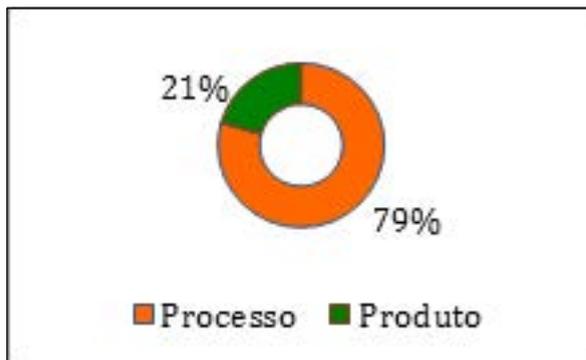
Identificamos a presença de DR nos processos analisados a partir dos aspectos formais da língua, quais sejam, as marcas de “pessoa” no discurso (pronomes pessoais e possessivos), os verbos de fala ou expressivos (*dicendi, sentiendi*) e a dêixis espacial e temporal referente aos personagens criados. As marcas de pontuação e as mudanças de linha também foram consideradas. Além dos critérios formais, consideramos que todo enunciado reenvia a preexistência de um dizer, ou seja, uma relação dialógica de menção ao conteúdo de DR. Esses critérios para identificação do DR permitiu a categorização das seguintes formas de DR: DD, DI e DN, tanto no planejamento oral quanto no registro escrito. No registro filmico da combinação, acrescentamos ao reconhecimento do DR as marcas suprasegmentais ou gestuais, as quais “dramatizam” um discurso outro.

Uma vez identificadas essas características contabilizamos as ocorrências de DR, considerando desde sua primeira formulação oral ao momento em que foram escritas na folha de papel. Nossa análise partirá do que ficou registrado na folha de papel resultado, “traço fixo” apresentado no produto textual, em direção “às operações sistemáticas da escritura”, processo (GRÉSILLON, 2007).

4 Resultados e Discussão

Ao longo do desenvolvimento do projeto didático, a diáde, Marília e Sofia, inventou 10 contos etiológicos. Desse corpora, identificamos 267 enunciados orais e escritos relacionados ao DR. A análise dos processos destacou a relação entre o DR constituído oralmente e aquele que foi linearizado na folha de papel. Por vezes, nas produções das alunas, um DR é linearizado após um longo processo de formulação e reformulação. Em outros momentos, um DR oral é escrito tal qual foi dito. Apesar disso, a diferença entre as quantidades de DR formulados oralmente e o DR efetivado por escrito é significativa, como mostra o gráfico abaixo.

GRÁFICO 1 – O DR nos 10 contos inventados (Processos x Produtos)



Fonte: Dossiê Criar e Recriar, 2012 – LAME.

Nos processos foram identificadas 212 (79%) ocorrências de DR, enquanto que nos produtos obtivemos o registro de 55 ocorrências (21%). Essa diferença indica que a presença de um DR em uma história inventada é o resultado de uma gênese enunciativa intensa. A comparação de diferentes tipos de DR em cada uma das modalidades (produto e processo) traz outro aspecto interessante.

TABELA 1 – Distribuição de ocorrências entre as diádes: produto X processo

Diáde	Produto			Total DR	Processo			Total DR
	DN	DI	DD		DN	DI	DD	
Marília/Sofia	34	16	5	55	144	38	30	212
Total percentual	62%	29%	0,09%	100%	68%	18%	14%	100%

Fonte: Dossiê Criar e Recriar, 2012 – LAME.

Conforme vimos acima, a proporção em relação à variação percentual de ocorrências de DR coloca em evidência a forma DN. A sua incidência prevalece com 62% nos produtos e, 68% nos processos.

Em relação às suas manifestações escritas, as quantidades de ocorrências de DD e DI destoam de forma significativa. Isso ocorre já que as alunas alternam entre as formas DD 0,09% (5 ocorrências) e DI 29% (16 ocorrências). Em relação à emergência do DN, ele aparece em sequências compostas associadas a outras formas de DR, DD e DI. O DN não é considerado isoladamente, mas em relação as outras formas

já que ele figura como acontecimento enunciativo e retomada avaliativa, como podemos ver abaixo:

- (1) a. O homem queria lugares e mais seres vivos – DN
 b. Ele pediu que existissem ambientes e animais – DI

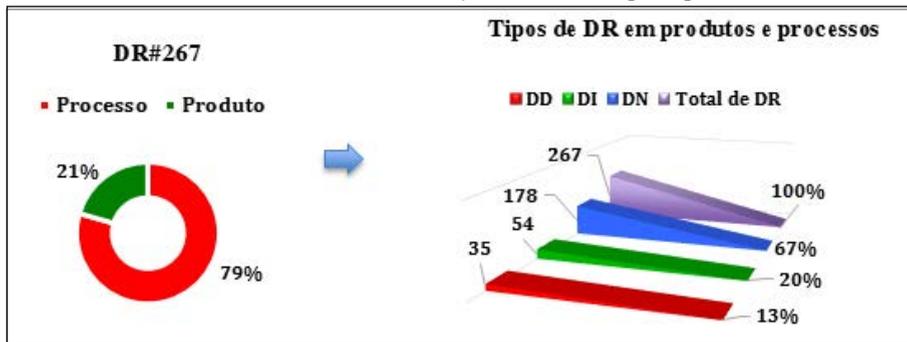
O DN decorre quando alguma referência de fala é atribuída ao personagem, mesmo que seu conteúdo não esteja explicitado no corpo do texto. Em 1 (a) temos a inferência do referente “homem” personagem ao qual é atribuído o seguinte complemento “queria lugares e mais seres vivos”. Inferimos nesse enunciado um ato de fala intencional, ou seja, ele possui valor de fala por remeter à intencionalidade de um dizer. “Querer” faz alusão a presença do DR e estaria relacionado ao ato de enunciar: “– Eu quero lugares e mais seres vivos na Terra”. Isso pode ser observado mais facilmente na sua relação com o enunciado subsequente, DI, 1 (b) **Ele pediu que existissem ambientes e animais**. Apesar do DN sinalar um caráter homogêneo ele diferencia-se do discurso indireto, DI, já que este segue uma estrutura de subordinação gramatical completiva ou interrogativa, permitindo que a fala reportada seja apresentada sob um estatuto de paráfrase. O DN, por outro lado, abrange o acontecimento enunciativo numa forma nominal ou infinitiva é o caso de: “O homem **queria lugares e mais seres vivos**”.

No íterim do discurso narrativizado, compreendemos que as palavras do outro (personagem) são narrativizadas no próprio enunciado daquele que está na posição de narrador. Assim, há uma integração de falas “pronunciadas” dentro do discurso do locutor/escrevente. Salientamos ainda a necessidade de especificar o papel do narrador na narrativa, aquele que cria e integra os enunciados devidamente direcionados às ações dos personagens, sejam elas de fala ou não. Lembramos que as formas linguísticas utilizadas pelo escrevente não se restringem à ordem sintática, elas são operadas sob uma ordem semântico-discursiva, à medida que o discurso atua sobre o discurso. Dessa maneira, é impossível desconsiderar o contexto narrativo na análise que segue.

Os enunciados como “O homem queria lugares e mais seres vivos”; “Só [cuidava] o homem que tinha pedido que existissem”; “Ele teve uma ideia que deu certo” abrangem o acontecimento de emissão de falas de “ele” são resumidos e interpretados por quem os enunciam. Ou seja, não sabemos de que maneira os alunos formularam tal enunciado e como associaram esta fala ao personagem criado. Apenas sabemos que há a menção à fala do personagem sob a ordem narrativa.

Voltemos às informações do 1º gráfico e visualizemos melhor a distribuição entre as categorias de DR – DD, DI e DN – e a soma de suas ocorrências no registro da combinação oral e sua inscrição no produto final (manuscrito).

GRÁFICO 2 – Distribuição total de DR por tipos



Fonte: Dossiê Criar e Recriar, 2012 – LAME.

Dentre os 267 enunciados com marcas enunciativas correspondentes ao DR, encontramos **178** enunciados com indicação de DN. Tais enunciados apresentam marcas de enunciação que indicam atos locutórios dos personagens criados. Ou seja, mais da metade (**67%**) das enunciações evidenciam o DN. Por outro lado, o discurso indireto **20%** e direto **13%** sinalizam uma quantidade mínima comparada ao percentual total. Essa disparidade entre as categorias e, sobretudo, a preponderância de enunciados nessa forma de discurso se desenhou de forma diferente em relação ao estudo comparativo de manuscritos franceses e brasileiros realizado por Boré *et al.* (2015) para quem a forma DD é a preponderante. Observemos agora a gênese do DR em correlação à formalização escrita de um processo de Marília e Sofia.

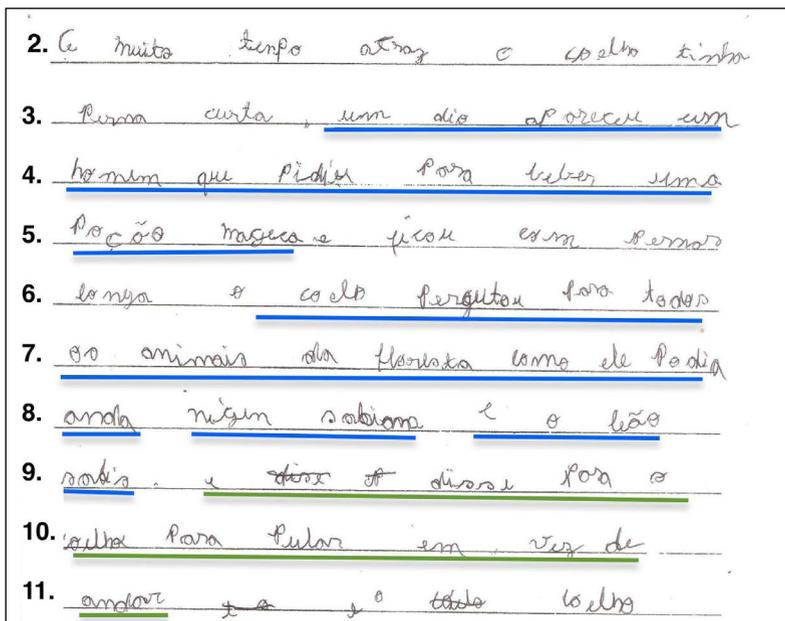
4.1 Gênese do DR: relações entre o produto e o processo

As alunas escolheram a temática “Por que o coelho pula”.⁹ Nessa história, Sofia era a escriba e Marília, a ditante.

⁹ Transcrição normativa: “Por que o coelho pula”.

Há muito tempo atrás o coelho tinha perna curta. Um dia apareceu um homem que pediu para beber uma poção mágica e ficou com pernas longas. O coelho perguntou para todos os animais da floresta como ele podia andar. Ninguém sabia e o leão sabia e disse para o coelho para pular em vez de andar e o coelho aprendeu a pular e é por isso que o coelho tem pernas longas.

FIGURA 1 – Estado do manuscrito escolar “Por que o coelho pula”, linhas 3 a 11, linearizadas entre 33:50 e 40:21 (4º processo, 07/05/2012)..



3.	Perna curta, um dia apareceu um
4.	Homem que pediu para beber uma
5.	Poção mágica e ficou com pernas
6.	Longa o coelho perguntou para todos
7.	Os animais da floresta como ele podia
8.	Andar Ninguém sabia e o leão
9.	Sabia e disse e disse para o
10.	Coelho para pular em vez de
11.	Andar e o e o coelho coelho

Fonte: Dossiê Criar e Recriar, 2012 – LAME.

Como podemos observar, o DR é definido a partir da interação entre os personagens, quais sejam, o homem, o coelho, os animais e o leão, em situações específicas que indiciam atos enunciativos de fala.

“Pedir”, “perguntar”, “saber” e “dizer” são verbos que, associados aos personagens, vinculam à representação de suas falas. Evidentemente, essa representação não recorre ao grau dramático e expressivo exigido pela *mimése*, e tampouco é clara ao destacar como isso ocorre. Neste conto etiológico inventado há 5 ocorrências de DR, caracterizadas como:

- DI: “Um homem apareceu que pediu (para o coelho) beber uma poção mágica.” (linhas 3, 4 e 5)
- DI: “O coelho perguntou para todos os animais da floresta como ele podia andar.” (linhas 6, 7 e 8)
- DN: “Ninguém sabia.” (linha 8)
- DN: “E o leão sabia” (linha 8 e 9)
- DI: “E (o leão) disse para o coelho para pular em vez de andar.” (linhas 9, 10 e 11)

O DR apresentado entre as linhas 3 e 5: “um dia apareceu um homem que pediu [para o coelho] para beber uma poção mágica” indica o que corresponderia à fala do personagem elíptico – coelho –, “beber uma porção mágica”. Contudo, apesar do contexto descrito, não é possível saber de que forma exatamente o questionamento foi produzido, nem mesmo como o personagem “coelho” foi chamado, já que ele é apresentado de forma elíptica. Daí sua ocorrência ser caracterizada como DN.

Na sequência, temos “o coelho perguntou para todos os animais da floresta como ele podia andar” (linhas 6, 7 e 8). Aqui o verbo “perguntar”, seguido do enunciado “como ele podia andar”, é caracterizado como DI. Todavia, a inserção do personagem “coelho” em interação com um grupo indeterminado de animais, “todos”, é resultante, implicitamente, da dinâmica de solicitações, indagações que em ordem direta podem ser apresentadas de variadas formas. Eis então um enunciado híbrido que possui características tanto do DI como do DN. Tendo em vista que nos referimos à criação do diálogo entre os personagens, o que fora inscrito pela diáde, linearizado no produto, não fornece pistas que nos permita identificar a gênese deste DR, tampouco como ocorreria o seguimento de questões caso o personagem representado pelo pronome indefinido “todos” tivesse em sua origem sido definido por um ou mais personagens.

Vejamos se durante a combinação deste manuscrito há alterações que permitem identificar outras formas possíveis para tais enunciados.

Texto Dialogal 1: MS – Processo 004 (24:44 – 27:06)

Rubrica: (Marília estava olhando para o cartaz da sala (lista de títulos de contos lidos durante o projeto didático: “Contos do como e do por que”)

711. Marília: Por que o coelho pula!::: Que tal, por que o coelho pula?

712. Sofia: Porque assim, ó assim. Há muito tempo atrás, o coelho tinha perna curta.

713. Marília: Ah, já leram essa história.

715. Sofia: Aí, a, um dia ele comeu uma coisa que a perna dele cresceu (Sofia estica os dois braços para frente)...

716. Marília: ...e ele começou... não conseguia andar. (Mudança de entonação ao pronunciar “mais”) **Ele foi perguntar para o leão que era o mais sabido da floresta, ele disse que era, você não precisava andar, era só pular.** Daqui em diante... por isso que o coelho não anda, ele pula. Por que o coelho pula! Certo?

720. Marília: (Dando continuidade). Coelho e mais quem?::: (Referindo aos personagens a serem criados.) Não! Vai ser só o leão, **ele pergunta pra todos animais da floresta e depois pergunta pro leão.**

26: 24

726. Marília: Não vo... Eu já... Era uma vez o, o co... há muito tempo atrás, o coelho tinha uma perna curta::: Ó!::: ó! Assim, ó. É... Há muito tempo atrás, o coelho tinha perna curta, **um homem apareceu e disse pra ele tomar isso, um pozinho mágico que deixava ele com pernas longas.**

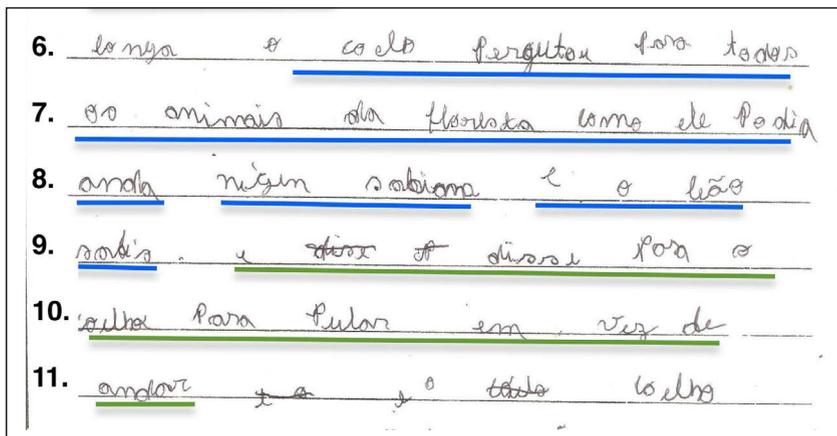
Aos 24:42, após discutirem e pensarem numa situação inicial (“o coelho ter perna curta”), Sofia propõe como elemento desencadeador do conflito o fato do personagem comer algo para que a perna cresça “Aí, a, um dia ele comeu uma coisa que a perna dele cresceu” (turno 712). Contudo, o crescimento da perna não permitia que o personagem andasse, isso desencadeia, a partir da fala de Marília, uma série de sugestões referente às ações ligadas a atos enunciativos de fala. Observem que no turno 716, “...e ele começou... não conseguia andar. **Ele foi perguntar para o leão que era o mais sabido da floresta, ele [leão] disse que era [o mais sabido da floresta]. Você não precisava andar, era só pular.** Daqui em diante... por isso que o coelho não anda, ele pula. Por que o coelho pula! Certo?”, Marília constrói oralmente um diálogo entre dois personagens: o leão e o coelho.

Nesta breve passagem a aluna evoca a existência de um diálogo entre os personagens:

O coelho foi perguntar para o leão: – Você é o mais sabido da floresta?
O leão disse que era e falou: – Você não precisava andar. Era só pular.

Marília (turno 716), ao narrar o encontro desses dois personagens, omite a pergunta “você é o mais sabido da floresta?”, a qual é recuperada elipticamente a partir da resposta do leão, “o leão disse que era”. O que queremos destacar é o arranjo narrativo e o modo que a aluna opera para colocar os personagens em interação dialogal. Diferente do que evocamos no breve excerto, a aluna assume a postura do narrador, arrolando a fala dos personagens de forma bastante particular. Marília, na posição de narradora, coloca como indagação o fato do coelho ser o mais sabido, como prosseguimento irrompe o enunciado resposta sob a forma indireta “**ele disse que era**”. Compreendemos que o DI em destaque é a réplica referente a um possível questionamento acerca da habilidade do leão ser o animal mais inteligente da floresta. Subsequente ao DI do leão, o DD é inserido “**you não precisava andar, era só pular**”. Aqui, Marília não marca uma entonação diferenciada, mas destaca um sujeito interlocutor, “coelho”, a quem o leão dirige a palavra. Observem como as falas enunciativas dos personagens foram configuradas em sua formulação escrita.

FIGURA 2 – Fala de personagens em “Por que o coelho pula”, linhas 6 a 11, (4º processo, 07/05/2012)



Fonte: Dossiê Criar e Recriar, 2012 – LAME.

No corpo de suas produções, as alunas assumem a figura do narrador, apresentado de forma indireta a fala de personagens e arrolando-as na trama narrativa. Porém, o movimento recursivo da escritura evidencia outras possibilidades enunciativas. No minuto subsequente, a combinação primeira dá margem a outro ponto importante expresso por Marília: “Não! Vai ser só o leão, **ele pergunta pra todos animais da floresta e depois pergunta pro leão.**” (turno 720). O enunciado invoca a possibilidade enunciativa de perguntar a todos os animais da floresta, o que requeria a criação de mais personagens, para então questionar ao leão. Essa passagem continua sendo apontada por Marília nos turnos seguintes.

Vale salientar as ênfases dadas por Marília ao pronunciar alguns elementos do texto. Ao anunciar “Ele foi perguntar ao leão...”, a aluna atribui um interessante comentário ao personagem “que era o maiiii sabido da floresta”, o adjetivo “sabido”. Essa característica tem sua intensidade revelada tanto pelo uso do advérbio “mais”, quanto pela pronúncia de sua entonação, marcada pela repetição da letra “i” na transcrição. Ao referir-se ao leão, Marília enfatiza o advérbio “mais”, não mais ditando ou combinando os elementos que farão parte da história, a aluna, na mudança de entonação e por sua intensidade ao enunciar, assume a voz do narrador. Contudo, as possibilidades enunciativas desse discurso oral emitido durante a combinação, configuraram-se de forma diferente na escrita (linhas 6 a 9): “O coelho perguntou para todos os animais da floresta como ele podia anda[r]”, seguido da resposta “Ninguém sabia” e o “leão sabia”.

No turno 726, Marília retoma a ideia inicial (turno 715) dada por Sofia, qual seja, o coelho tomar algo para que suas pernas crescessem e sugere como resolução: “[...] **um homem apareceu e disse pra ele tomar isso, um pozinho mágico que deixava ele com pernas longas**”, (turno 726). O enunciado é inserido em forma indireta, característica evidente na apresentação do referente “homem” e a ação por ele desenvolvida (aparecer e dizer), conjugada em 3ª pessoa do singular direcionando a outro personagem, “ele” (coelho). O que nos chama atenção é o fato da mensagem do “homem”, apesar de estar na estrutura indireta, remeter a um enunciado direto. Isso ocorre pelo simples fato de a aluna inserir “*Tomar isso*”, um pozinho mágico que deixava ele com pernas longas” destacando o pronome demonstrativo “isso”. Dois pontos merecem destaque:

- 1) A estrutura esperada seria o verbo no imperativo “Tome isso”;
- 2) “Isso” possuir valor demonstrativo e referir à ideia mencionada anteriormente por Sofia “Comer algo”, e ao mesmo tempo convocar o enunciado – “O que é isso?”

Entre “tomar” e “comer” reside o “isso”, ele, por sua vez, anuncia o complemento seguinte e o caracteriza, o “pozinho mágico”. É este complemento “pozinho mágico para ficar com as pernas longas” que permite convocar, de forma elíptica, “O que é isso?” ou “Isso, o que é?”

Os minutos seguintes colocam em destaque as reformulações propostas, desencadeando o seguinte texto dialogal. Vale lembrar que neste momento as alunas ainda combinavam a história:

Texto Dialogal 2: MS – Processo 004 (27:13 – 27:44)

COMBINAÇÃO
728. MARÍLIA: (Marília altera a voz ao falar “todo mundo da floresta”, fazendo um movimento rotacional com a cabeça.) Calma! Aí, ele foi perguntar pra todo mundo da his, da floresta para sas... perguntar como ele andava. Aí ele...
729. SOFIA: Ninguém sabia.
730. MARÍLIA: Ninguém sabia! L Aí ele foi perguntar...
731. SOFIA: (Falando simultaneamente à Marília) Só que ele foi perguntar ao leão porque ele era o mais inteligente da floresta e disse que era só pro coelho pular. E por isso que o coelho...
732. MARÍLIA: Pula.

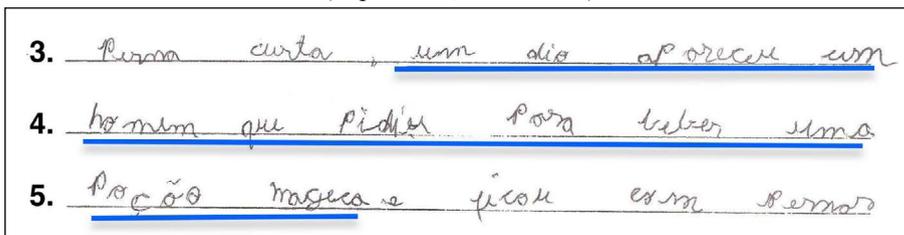
Da primeira proposta “**Ele foi perguntar para o leão que era o maais sabido da floresta, ele disse que era. Você não precisava andar, era só pular.**” (turno 716), temos uma alteração para “Aí, **ele foi perguntar pra todo mundo da his, da floresta para sas... perguntar como ele andava**” (turno 728). Em ambos os casos, Marília faz uso de marcas entonacionais, atribuindo à história um ritmo diferenciado, como se a contasse na posição de um narrador/contador.

Todavia, o complemento do turno 728, ao contrário da primeira tentativa expressa em 716 – sinalizando uma sobreposição de formas de DR (DI, DN e DD) – expõe um único bloco caracterizado pela forma narrativizada. Aqui, nós temos acesso ao conteúdo relacionado à temática do diálogo, mas as alunas não desenvolvem a constituição desse diálogo

em formas DI ou DD. O fato do verbo “perguntar” permitir diversas possibilidades enunciativas – como, por exemplo, solicitação polida, simples pedido, interrogação ou questionamento – associado à entonação e ao movimento rotacional da cabeça de Marília quando enuncia “todo mundo” interfere em suas representações.

Nos turnos seguintes, as alunas, já com a folha e a caneta na mão, têm o desafio de escrever tudo o que fora combinado. Aqui, as alunas têm a oportunidade de inscrever e marcar uma diferença, contudo, enquanto Marília escreve, Sofia, ao ditar, retoma a ideia de Marília com pequenas alterações. O primeiro enunciado inscrito é reformulado no momento em que Marília escreve, desencadeando uma inversão no que havia sido planejado. O elemento que irá promover a causa-efeito, tomar bebida-para que as pernas do coelho cresçam é inscrito logo no início da história.

FIGURA 3 – Fala de personagens em “Por que o coelho pula”, linhas 3 a 5, (4º processo, 07/05/2012)



Fonte: Dossiê Criar e Recriar, 2012 – LAME.

Texto Dialogal 3: MS – Processo 004 (34:36 – 35:11)

COMBINAÇÃO/INSCRIÇÃO
835. MARÍLIA: ...um ho...mem (Falando e escrevendo [um homem])...
836. SOFIA: ...que pediu para o coelho tomar uma coisa.
837. MARÍLIA: ...que pe...diu (Falando e escrevendo [que pedi]) é com U, né? (Sofia balança a cabeça positivamente). (Escrevendo [u]). Pediu...
838. MARÍLIA/SOFIA: (Alunas falam simultaneamente) para [para]...
839. MARÍLIA: ...be...ber (Escrevendo [beber])...
840. MARÍLIA/SOFIA: (Falando simultaneamente) ...uma (Escrevendo [uma])...
841. SOFIA: ... coisa...
842. MARÍLIA: ...uma poção mágica.

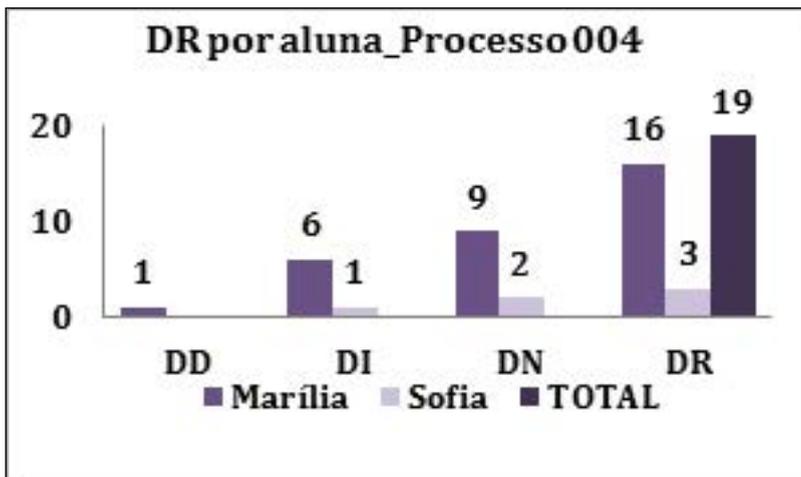
Sofia substitui “perguntar”, verbo presente desde as primeiras formulações, turnos 716, 728, 730 e 731, por “pedir” não especificando o que era exatamente para o personagem coelho tomar. A aluna usa um elemento indefinido “tomar uma coisa” (turno 836) enquanto Marília substitui “tomar alguma coisa” (turno 836) por “beber uma poção mágica” ao escrever.

Como podemos notar, as alunas combinam a história e ao escrevê-la elementos ora são retomados, ora não. Um dos aspectos discutidos no TD 2 refere-se a um ato de fala correspondente ao personagem coelho em direção a todos animais da floresta. A questão é que Marília altera o tom da voz ao falar “todo mundo da floresta” “**Aí, ele foi perguntar pra todo mundo da his, da floresta para sas... perguntar como ele andava.**” Duas observações sobrevêm neste enunciado: 1.) o fato da aluna não remeter à resposta dos animais, o que é evidente se notarmos o marcador temporal “aí” seguido do uso de referente “ele”, coelho; 2.) a entonação de Marília destoando de todo o enunciado ao dar ênfase aos personagens “Todo mundo da floresta”. É importante especificar que essa representação segue parâmetros diegéticos, enquadrando o suposto diálogo dos personagens na fala do narrador, a ênfase dada por Marília seria, neste caso, um adendo à caracterização do DN.

Em resposta, Sofia, assim como Marília, reproduz o DN “Ninguém sabia”. Vejam que o valor semântico dos verbos é fundamental para assimilarmos a noção de um ato de fala. “Saber”, neste contexto, implica a verbalização da resposta ao questionamento do coelho. Ao dizer “Ninguém sabia”, ela narrativiza “e resume” as possíveis respostas negativas dada pelos animais da floresta. Ademais, o uso dos pronomes indefinidos “todos” e “ninguém” escondem a quantidade de personagens inseridos, bem como as possibilidades enunciativas correspondentes a esse ato de fala por elas imaginado.

Por vários momentos, Marília assume a voz narrativa, criando a maior parte do enredo, atribuindo o problema ou a perturbação implicada na história. Isso parece estar relacionado ao fato da aluna ter uma quantidade de enunciados de DR em maior número comparados aos DR criados por Sofia. Vejamos como isso se configura no gráfico abaixo:

GRÁFICO 3 – Distribuição de DR (processo 004 de Marília e Sofia)



Fonte: Dossiê Criar e Recrear, 2012 – LAME

O quantitativo de DR neste processo indica maior ocorrência por parte de Marília. Em um total de 19 DR, a aluna apresentou 16 enunciados relacionados à fala de personagens, enquanto Sofia, desenvolveu apenas 3. Contudo, apesar de Sofia não dar inicialmente as ideias para composição da história, sua participação permite que Marília desenvolva os DR, dado que esta precisa apresentar e organizar o enredo explicitando à Sofia. Apesar de falar pouco, Sofia mantém uma postura mais organizadora ao transpor o que é produzido por Marília. Isso ocorre de forma mais pontual em outro processo de escrita, quando a aluna troca um enunciado em DR sob a ordem indireta, transformando em ordem direta, demarcando-o com o uso sinal gráfico de travessão.

292. SOFIA: Faz um tracinho aqui. (Sugerindo fazer o travessão antes da fala do vulcão.)
293. MARÍLIA: Aqui? (Sofia confirma balançando a cabeça positivamente e Marília grafa [__]) “Esse é o seu castigo”. (MARÍLIA e SOFIA, processo 010, “Por que o sol brilha”.

A abordagem quantitativa levanta uma série de questões relacionadas ao desenvolvimento do projeto ao longo das propostas, sobretudo em relação a maior incidência de enunciados criados por parte

de Marília. Aventar que Marília possui maior habilidade linguística e textual para a construção do DR não pode ser uma asserção sem antes passarmos pelo filtro qualitativo de seus processos.

Sofia contribuiu, ainda que de forma menos intensa, para o desenvolvimento e criação das histórias. Nesse sentido, seria bastante interessante avaliar qual a natureza dos enunciados por eles ditos e como os comentários e retornos por ela sinalizados evocaram Marília a não se dar por satisfeita na primeira formulação do DR e insistir para nova formulação.

A análise empreendida colocou em evidência alguns desses aspectos, este é o caso de Sofia ao apontar que é preciso demarcar a fala de personagem, fazendo o traço de travessão. Aliás, essa é uma das características mais marcantes em Sofia. A aluna, ao inferir que o enunciado criado por Marília era um DD, expressa a necessidade de incluir o sinal de pontuação relativo a essa inserção. No processo em que ela escreve, o sinal é inserido sem nenhum comentário, ou seja, a aluna ao inscrever o que é dito por Marília transpõe em ordem direta, fazendo a devida marcação. Contudo, quando Marília escreve é Sofia quem está atenta lembrando-a de fazer o sinal para demarcar a fala do personagem.

Independente de quem é o escriba, Marília tem o hábito de formular toda a história e Sofia sempre chama a atenção para o fato de que elas precisam escrever, porque do contrário irão esquecer o que já haviam planejado. E em alguns momentos, Sofia expressa à Marília o fato de não entender nada, o que, por sua vez, permite que Marília reestruture, recupere e reformule o que estava pensando. Nos parece razoável supor que Marília tem a tendência de construir textualmente a história e Sofia assume a função organizadora da produção textual. Essa ajuda mútua favorece o processo criativo das alunas. Antes, em suas primeiras produções, as alunas não evidenciavam estruturas que alocassem a fala dos personagens sob a ordem direta. As últimas produções destacaram falas de personagens com demarcação de fonte enunciativa, sinalizando através da pontuação a quem corresponde o discurso, quais sejam, o narrador e o personagem.

As produções, quando escritas por Marília, apresentavam rasuras, enunciados justapostos com problemas de pontuação, e talvez este seja um dos motivos da professora intervir com frequência em relação à produção das alunas. Em linhas gerais, a professora intervinha pedindo às alunas que lessem a produção e eventualmente questionava alguns

elementos do texto, dentre eles, a demarcação da fala do personagem para maior clareza e compreensão.

A interação entre Marília e Sofia permitiu que Sofia colocasse em prática os conhecimentos linguísticos que dispunha para sinalizar a formalização do DD em sua configuração escrita. A dimensão colaborativa é importante para consagrar como se dá essa formalização, Sofia verbalizou a necessidade de utilizar o sinal de pontuação para delimitar a fala do personagem.

5 Conclusão

A questão que delineou o trabalho baseou-se na construção coenunciativa do DR em processos de escritura de contos etiológicos inventados por escreventes novatos. A partir disso, intentamos especificar os elementos linguísticos e suprasegmentais correspondentes ao ato de enunciação do personagem. A investigação com foco no diálogo de escreventes novatos asseverou a necessidade de evidenciar o uso deste elemento linguístico centrada nas formulações e reformulações, segundo as quais, ora o DR apresentava o ponto de vista do narrador, ora sob a ótica de algum personagem. O conto etiológico não possui tantas ocorrências de DR, talvez pelo fato deste gênero ter como objetivo a explicitação da origem das coisas. Sua natureza narrativo-ficcional ao esclarecer como determinadas características dos animais e modos de comportamento se originam, “o Coelho pular” remete, conseqüentemente, a uma forma mais narrativa. Nesta conjuntura, o DR era expresso sobre o ponto de vista do narrador/escrevente, predominando a forma DN.

Em nossos resultados, identificamos uma significativa diferença entre as quantidades de ocorrências de DR nos processos e seus produtos. Os processos de escritura analisados mostram que a condição coenunciativa teve um papel crucial na gênese e na construção do DR. A alternância de turnos, os desacordos, as hesitações, os gestos, as expressões faciais e, sobretudo, a necessidade ficcional de inventar personagens favoreceu, em certa medida, a produção de DR. Além disso, estes aspectos colocaram em evidência a articulação entre a forma oral do DR enunciado e sua passagem para a forma escrita. Vale destacar que a pouca ocorrência de DD nos manuscritos pode estar relacionada ao pouco conhecimento que as alunas detêm sobre o funcionamento e usos dos sinais de pontuação.

Ao longo de suas produções, Marília e Sofia escreveram somente 5 DD, demarcando o discurso do personagem com sinais de pontuação apenas nos últimos processos. Tal ilação vai de encontro aos dados apresentados por Boré (2010, 2012), para quem o DD ocupa lugar de destaque na criação narrativa. A ausência de DD em nosso corpus parece estar relacionada a alta ocorrência de DN nos manuscritos. De todo modo, faz-se necessário aprofundar a relação entre a produção do DD e sua pontuação.

A inserção do DR no texto em produção corresponde a um elemento fulcral à complexidade que abrange o processo de escritura. A produção escrita a partir da combinação envolvia a transformação de elementos referenciais, linguísticos e pragmáticos em traço linguístico linear. Nesse sentido, a escrita por colocar em evidência tais elementos referenciais e expô-los a partir de um conjunto de ações processuais, tais como o planejamento, a linearização/inscrição e sua revisão sinaliza que o conhecimento linguístico acerca do DR não é evidente para o escrevente novato. Dizendo de outro modo, o escrevente novato deve articular os elementos linguísticos, – ortográficos, sintáticos e semânticos –, bem como os elementos textuais – desenvolvimento do enredo, à problematização da história, inserção de personagens, associação deste com ato enunciativo de fala –, e ainda, operar e gerir a explicação do porquê das coisas serem como são.

As implicações didáticas correspondentes ao ato de escrever de forma colaborativa favorecem o diálogo interlocutivo acerca não só do que se sabe sobre a língua, visto que o aluno deverá utilizá-la como objeto de argumento para a entrada de uma proposição a ser inserida no texto, bem como permite ter acesso aos conhecimentos extralinguísticos de que o aluno dispõe. Tomemos o exemplo de Sofia, para quem a invenção da narrativa parece bem mais árdua do que o é para Marília. Sofia por ser auxiliada pelo seu par, Marília, aquela que cria boa parte do enredo, consegue ater-se aos problemas de ordem ortográfica. Esta última é auxiliada o tempo todo por Sofia à inscrição gráfica de palavras como em: “837. Marília: ‘Pedi’ é com ‘u’, né?” (Processo 004 “Por que o coelho pula”). Essa é uma questão a ser refletida de forma mais detida. Os efeitos do processo de ensino-aprendizagem da escrita, resultante do processo coenunciativo de escrita a dois, dão visibilidade à dinâmica interacional e multimodal, o que permitiria, em estudo futuro, capturar as diferenças individuais da dupla e, conseqüentemente, identificar como elementos

pragmáticos, ortográficos, discursivos, enunciativos interferem para a ocorrência de DR nas práticas de textualização efetivadas em sala de aula.

Embora existam evidências de que a ocorrência do DR seja favorecida pelo diálogo entre a díade, o presente estudo certamente não sugere que as interferências para a constituição do DR sejam um benefício universal. Em vez disso, é necessário evidenciar a particularidade da escritura estar situada em um ato de enunciação (AUTHIER-REVUZ, 1993) o que implica uma complexa inter-relação de outros fatores na realização da atividade de escrita.

Contribuição dos autores

Este artigo escrito por mim, Lidiane Evangelista Lira, em coautoria com o professor Eduardo Calil, é o resultado de pesquisas acerca de processos de criação e escritura colaborativa. O corpus de nosso trabalho faz parte do Laboratório do Manuscrito Escolar (LAME), coordenado pelo professor Eduardo Calil. Nesse trabalho adotamos o Sistema Ramos (CALIL, 2019), método para a captura multimodal de processos de escritura no tempo e no espaço real da sala de aula.

Referências

AUTHIER-REVUZ, J. Repères dans le champ du discours rapporté (suite). *L'Information Grammaticale*, Paris, n. 56, p. 10-15, 1993.

AUTHIER-REVUZ, J. *Palavras incertas: as não coincidências do dizer*. Campinas: Unicamp, 1998.

AZEREDO, J. C. *Gramática Houaiss*. São Paulo: Publifolha, 2009.

BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 38. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BENVENISTE, É. *Problèmes de linguistique générale I*. Paris: Gallimard, 1966.

BORÉ, C. L'écriture scolaire de fiction comme reencontre du langage de l'autre. *Revue Reperes: Recherches en Didactique du Français Langue Maternelle*, Lyon, n. 33, p. 37-60, 2006.

BORÉ, C. *Modalités de la fiction dans l'écriture scolaire*. Paris: L'Harmattan, 2010.

BORÉ, C. Le discours direct dans des écrits fictionnels scolaires: marques et significations. In: BRANCA-ROSOFF, S. et al. (ed.). *L'Hétérogène à l'oeuvre dans la langue et les discours*. Hommage à Jacqueline Authier-Revuz. Limoges: Editions Lambert-Lucas, 2012. Cap. 7, p. 117-134.

BORÉ, C.; CALIL, E.; AMORIM, K. L. Etude comparative des formes de discours rapportés dans des contes des origines chez des scripteurs français et brésiliens (7-8 ans): premiers résultats. *SHS Web of Conferences*, [S.l.], v. 16, 2013. Disponível em: http://www.shs-conferences.org/articles/shsconf/abs/2015/03/shsconf_iaimte2013_02001/shsconf_iaimte2013_02001.html. Acesso em: 10 out. 2015.

CALIL, E. Cadernos de histórias: o que se repete em manuscritos de uma criança de 6 anos? In: BLAS, Verónica S. (ed.). *Mis primeros pasos: alfabetización, escuela y usos cotidianos de la escritura (siglos XIX y XX)*. Gijón: TREA, 2008.

CALIL, E. O sentido das palavras e como eles se relacionam como texto em curso: estudo sobre comentários semânticos feitos por uma díade de alunas de 7 anos de idade. *ALFA*, São José do Rio Preto, v. 60, n. 3, p. 531-555, 2016. Doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-1612-4>

CALIL, E. Rasura Oral Comentada: definição, funcionamento e tipos em processos de escritura a dois. In: SILVA, C. L.; DEL RÉ, A.; CAVALVANTE, M. (org.). *A criança na/com a linguagem: saberes em contraponto*. Porto Alegre: UFRGS, 2017. p. 161-192.

CALIL, E. Sistema Ramos: método para captura multimodal de processos de escritura a dois no tempo e no espaço real da sala de aula. *ALFA*, São José do Rio Preto, v. 63, 2019. (no prelo).

CALIL, E.; AMORIM, A. K. “Nós vamos ter que dar dez beijos em cada um”: a gênese de discurso direto em um processo de escritura a dois. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 11, n. 4, 1175-1193, 2017.

CALIL, E.; DEL RÉ, A. Análise multimodal de uma história inventada: o caso da onomatopeia visual. *Revista da Anpoll*, Belo Horizonte, v. 2, n. 27, p. 13-41, jan./jun, 2009.

CHEN, H.; MYHILL, D. Children talking about writing: Investigating metalinguistic understanding. *Linguistics and Education*, [S.l.], v. 35, p. 100-108, 2016.

DAIUTE, C.; DALTON, B. Collaboration between children learning to write: novices be masters. Technical Report, [S.l.], n. 60, april, 1992.

DESCHILDT, S. Les paroles de personnages dans les récits des élèves de CM2. *Recherches*, [S.l.], n. 39, p. 141-173, 2003.

DUBOIS, J. *Dicionário de linguística*. São Paulo: Cultrix, 2006.

FERREIRO; E. et al. (ed.). *Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever: estudos psicolinguísticos comparativos em três línguas*. São Paulo: Ática, 1996.

FERREIRO, E.; SIRO, A. *Narrar por escrito do ponto de vista de um personagem: uma experiência de criação literária com crianças*. São Paulo: Ática, 2010.

FLORES, V.; BORGES, L. *Dicionário de linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

GENETTE, G. *Figures III*. Paris: Seuil, 1972.

GRANGET, C. Quelques éléments d'acquisition pour aborder le discours rapporté en FLE. *Enseigner les Structures Langagières en FLE*, Mar. Bruxelles, Belgique, p. 269-281, 2008. Disponível em: hal-01023256. Acesso em: 14 jan. 2015.

GRÉSILLON, A. *Elementos da crítica genética: ler os manuscritos modernos*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

GRÉSILLON, A. *La mise em oeuvre: Itinéraires génétiques*. Paris: CNRS Editions, 2008.

HALTÉ, J-F. *La didactique du français*. Paris: PUF, 1992. p. 1-15.

JONASSON, K. Le discours narrativisé dans une vue de Maupassant et as traduction dans deux versions suédoises, In: BERRE, M.; van SLIJCKE, A.; HADERMANN, P. *La syntaxe raisonnée*. Louvain-la-Neuve, Belgique: De Boeck Supérieur, 2003. (Collection Champs Linguistiques, p. 297-308)

KELLOGG, R. T. Training writing skills: A cognitive developmental perspective. *Journal of Writing Research*, Antwerpen, v. 1, n. 1, p. 1-26, 2008.

LIRA, L.; CALIL, E. La construction de la parole du personnage dans le texte en cours de production. *Nouveaux Cahiers de la Recherche en Éducation*, Sherbrooke, v. 19, n. 3, p. 32-54, 2016. Doi:10.7202/1045176ar

LIRA, L.; CALIL, E. Gênese da fala do personagem em contos etiológicos inventados por dois alunos recentemente alfabetizados: o jogo entre o oral e o escrito. *SIGNUM: Estud. Ling*, Londrina, n. 20, n. 2, p. 122-150, ago. 2017.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

MOCHET, M-A. Mention et/ou usage: discours direct et discours direct libre en situation de type conversationnel. In: COLLOQUE AUTONYMIE, 2000, Paris. *Actes [...]*. Paris: Université de la Sorbonne Nouvelle Paris 3, 2000. Disponível em: <http://syled.univ-paris3.fr/colloques/autonymie-2000/theme5/mochetma.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2015.

ROSIER, L. *Le discours rapporté*. Histoire, théories, pratiques. Paris; Bruxelles: Éditions Duculot, 2008.

VAN DEN BERGH, H.; RIJLAARSDAM, B. The dynamics of idea generation during writing: an online study. In: TORRANCE, M.; WAES, V. L.; GALBRAITH, D. *Writing and cognition: research and applications*. Amsterdam: Elsevier, 2007. p. 125-150.

ZATS, L.; ABREU, G. *De onde tudo surgiu e como tudo começou*. São Paulo: Moderna, 2010.